

HOJE

ANOITE

HOJE

O TEMPO — Máxima, 28,5; mínima, 23,5.

OS MERCADOS — Câmbio 10 1/2 1/2 a 13 5/8. Café, 65700.

ASSIGNATURAS
Por anno..... 28000
Por semestre..... 14000
NUMERO AVULSO 100 REIS

Redacção, Largo da Carioca 14, sobrado—Officinas, rua Julio Cezar (Carmo), 29 e 31
TELEPHONES: REDACÇÃO, CENTRAL 523, 5285 e OFFICIAL—GERENCIA, CENTRAL 4918—OFFICINAS, CENTRAL 652 e 5284

ASSIGNATURAS
Por anno..... 28000
Por semestre..... 14000
NUMERO AVULSO 100 REIS

Os 20 mil contos do credito «agricola»

Os lavradores precisados vel-os-ão por um oculo...

“Uma excelente conquista para o commercio”

Uma das mais lindas illusões que nos pou-
tações do interior do país ainda dava
destruções ao pequeno e miseravel lavrador para
se debruçar no rabo do arado, afim de que
e sulco aberto na terra, sobre se tornar mais



O Dr. Miguel Calmon

profundo mais promissora tornasse a colhei-
ta, vem de se desvanecer ante o regulamen-
to que com muita largueza de ou com crue-
za de deitamos credito agricola.

São foi preciso que a critica usasse de seu
direito para que a illusão se dissipasse
facilmente que o apparelio da visão de cada
brasileiro usasse de seus nervos e vasos para,
tendo as disposições officiaes, ver que tudo
podia ali se encerrar menos o credito agricola.

E pelo menos a impressão que hoje re-
cebemos de uma palestra com o Sr. Miguel Cal-
mon, brasileiro que tem continuo e vivo inter-
esse, já na Sociedade Nacional de Agricultura,
já na Comissão de Provisões, tem mostrado
pela instituição de credito na lavoura. Um mil-
lões e mais nos na interpretação do pensa-
mento alieno do credito agricola, tal como
se acha, é um emprestimo disfarçado ao Ba-
nco do Brasil, e um meio de protecção aos
intermediarios, em detrimento da indefesa clas-
se dos agricultores. Mas, registemos os prin-
cipaes lances da palestra que gentilmente nos
concedeu o Sr. Miguel Calmon, e deixemos
aos interessados o trabalho das conclusões:

O que se fez deve ser considerado uma
conquista para o commercio e não para a
agricultura. O credito de vinte mil contos a
ser distribuido por intermedio do Banco do
Brasil ha de acelerar sem duvida as transac-
ções commerciaes, mas só muito vaga e in-
directamente influencia sobre a agricultura,
de accordo com as disposições da lei. Basta se
considerar o estipulado prazo de seis mezes
para os emprestimos, e a garantia das firmas
commercias. No Brasil, as lavouras que ne-
cessitam de maior auxilio, a mandioca e a
cana de açúcar, não produzem em tão es-
teio prazo, de maneira que se affigura
qualquer emprestimo agricola a seis
mezes, Operações de tal natureza devem ter
o limite minimo de dois annos; restringir esse

EM TORNO DA PAZ

Os russos suspenderam o armistício

E TAMBEM A TROCA DE PRISIONEIRO

PETROGRADO, 19 (Havas) — Foram sus-
pensos o armistício e a troca de prisioneiros
de guerra, em consequência dos allemes se
recusarem a acceder ao pedido dos maxima-
listas para que os officiaes russos prisioneiros
na Alemanha tivessem o mesmo tratamento
que os simples soldados.

Trotsky protesta contra as adu- tações allemãs

PETROGRADO, 19 (Havas) — O chefe da
delegação russa em Brest-Litovsk e ministro
do Exterior do governo maximalista, Sr. Tro-
tsky, protestou energicamente contra as mu-
ltações com que as declarações dos delegados
russos appareceram nos communiquees alle-
mães sobre as negociações de paz.

A mensagem de Wilson tem defen- soras na Alemanha

AMSTERDAM, 19 (Havas) — Informam de
Berlim que a “Tagliche Rundschau” annun-
cia a organização de um novo partido politico,
do qual fazem parte os partidarios do pro-
fessor Foerster, exilado na Suíça e que de-
fendem a opinião de que a mensagem do pre-
sidente Wilson constitue uma base sufficien-
te para iniciar negociações de paz.

Os allemães fomentam uma grande greve no sul

BUENOS AIRES, 19 (A. A.) — “La Na-
ción”, chama a attenção para um telegrama
de Montevideo, que diz correr ali o boato
de estar sendo organizada, no Uruguai,
uma grande greve, com a connivência
dos elementos operarios da Republica Ar-
gentina, por agentes allemães, com o fim
de difficultar a exportação da colheita para
os aliados.

Tréplica

O Paiz de hoje responde ao meu artigo de
ante-hontem, em que eu comparava o re-
gimen de liberdade da imprensa em Ber-
lim e no Rio de Janeiro.

Como O Paiz na lavoura perguntado onde
em tomava conhecimento do que diziam
jornais allemães, eu lhe apontei os proprios
telegramas que elle publica e em que fre-
quentemente ha rezumos e ha mesmo tra-
duções textuais de trechos de artigos da im-
prensa germanica.

A isso O Paiz me dá duas respostas.
A primeira é que os seus telegramas não
têm importancia alguma. É uma revela-
ção que os seus leitores não de achar mu-
ito interessante...

De fato, O Paiz lembra que os cabos
transatlanticos estando em poder dos Alle-
mães, só por eles transita o que a estes agra-
da. E isso é verdade. Mas d'ahi não se de-
prende que os Alleidos falsifiquem o que
diz a imprensa allemã. Preferem natural-
mente que se divulgue o que ella publica de
maneira para o governo do Kaiser, mas não
modificam nem alteram o que encontram.

De mais, si ha na redacção d'O Paiz quem
leia jornais suíços, francezes e ingleses,
encontrará sempre, nos principaes dezes,
rezumos e traduções integrais de artigos al-
lemães.

Ora, correndo aqueles rezumos e aquelas
traduções feitas pela imprensa dos paizes
aliados, verifica-se, tanto nos primeiros co-
mo nas segundas, que ha contra a politica
allemã couzas que não se toleram no Bra-
zil contra a politica brasileira. Os claros
deixados pela Censura no meu artigo de
ante-hontem são uma prova disso.

A segunda resposta d'O Paiz para des-
fazer a minha affirmacão é a que agora foi
revelado sobre o caso Caillaux: em certa
censura, o governo de Berlin proibiu que os
jornais eslojiassem o ex-ministro francez.
Nada, porém, mais justo e natural. Tra-
tava-se de uma questão de politica inter-
nacional. Tratava-se de negociações em
curso entre a Alemanha e uma alta per-
sonalidade franceza. Diante disso, a chancel-
aria de Berlin proibiu que se chamasse a
attenção para aquella personalidade. Foi uma
medida logica e explicable; uma medida
ainda uma vez se repete, de politica inter-
nacional.

Isso não tem semelhança alguma com o
que faz a nossa Censura, cujos atos só po-
derão ser devidamente apreciados, quando
tivermos liberdade para dissimular.

É curioso ler d'O Paiz que eu tenha pu-
blicado tudo quanto quero.

Parece que, ao menos isso, eu sou o mais
completamente para saber. E desde que a
Censura me tem cortado varios artigos inteiros
e mutilado diversos outros, sempre esse
falso e falso não tenho podido dizer
tudo quanto quero.

A resposta d'O Paiz remata com uma afir-
mação a que não é de mais chamar attên-
ção. Diz ella que eu tenho mais de uma
vez “feito apeloções” para demas limitas-
ções, entrando na guerra.

Jámais em azeite o Brasil de ter sido in-
tencões e calculos menos dignos, ao entrar
na guerra. Jámais! Bem ao contrario, isso
me pareceu a coracão natural da nossa
política, de não de aliviar e de diminuir, de
embora muito pequeno, nem por isso per-
der aqueles predilectos.

O que eu acho é que até agora a minha
coiza que fizemos de notavel, depois de
tal declaração, foi uma transacção excelen-
te, o convenio franco-brasileiro. Ora, na
mensagem que o governo mandou ao Con-
gresso, está dito que o convenio é exten-
samente isso. Nesse documento o governo se
orgulha com o successo financeiro da ope-
ração.

Fez-se, além disso, mais alguma coiza
que?

A Censura não me deixaria dissimular o
falso. Não pode, porém, impedir-me de pu-
blicar o que foi publicado em um dos ma-
iores jornais desta cidade:

“O Brasil está também na guerra.
Ainda que, ás vezes, pareça que não, o
fato é que está. A Inglaterra queixa-se
de que tem de fazer novos apelos ás
suas reservas de homens e accrescenta
que espera pela America.”

E o Brasil?
Querer o Brasil ser incluído na
America de que fala Lloyd George, ou
o papel que nos está reservado é o
de espectador que, em match de
boxe, force mais ou menos ostensiv-
mente em favor do seu favorito?”

De que jornal pensam os leitores que
é este?

O Paiz, de 16 de dezembro ultimo.
Assim, o que eu disse sobre a nossa par-
ticipação na guerra concordava, ora com os
excellent artigos sobre esse assunto, pu-
blicados por João do Rio, d'O Paiz, ora
com as proprias affirmações, editoriaes des-
se folheto.

Mas decididamente os redactores d'O Paiz
estão no firme proposito de não o ler.
E pena, porque, ás vezes, aí apparecem
couzas muito interessantes...

Medeiros e Albuquerque

Foi constituído o novo mi- nisterio chileno

SANTIAGO, 19 (A. A.) — Já se achou con-
stituído o novo ministerio, cuja composicão é
a seguinte: Interior, Amunátegui; Relações
Exteriores, Guillermo Freyre; Justiça, Pe-
dro Serda; Fazenda, Manuel Herrera; Guerra,
Luiz Cifuentes, e Industria, Francisco Lande.

Um exito de Joffre

Esta nos nem dos Estados Unidos como
autenticos.

É sabido que as leis americanas punem
a inculca de uma mercaderia falsa como
peneira. Quando uma casa americana ga-
rante que um tecido é de linho, pode-se ter
certeza que é mesmo de linho (salvo si-
for de aludicão).

Assim acontece com as outras mercaderias,
inclusive as historietas.

Mas vamos ao caso.
Entre o meio militar francez que visi-
tou os Estados Unidos foi, como primeiro
de ordem do marechal Joffre, um bello le-
nente, que atrahia mais a attenção das
mulheres americanas do que o vencedor do Marne.

Uma vez, nam chi em sociedade, entra-
ram a conversar sobre episodios de guerra.
As mulheres ouviam com muita attenção.
— Aqui está — disse um dos officiaes
presentes, apontando para o adjunte de
ordem de Joffre — aqui está um lenente
que ha pouco mais de quinze dias matou
um boche.

— Como foi? — perguntou uma bella girl.
— A revolver — disse o official.
— Com que mão? — tornou a moça.
— Com esta.

Elle levantou-se, tomou a mão direita do
lenente e chutou-o de beijos, entre o riso
da assistencia e a invidia dos outros jovens
officiaes.

— Ora! deveras!... lenente... — disse
Joffre, de cenho carregado.

O lenente, enfado com o caso, voltou-se
para o marechal, com o olhar interrogativo,
e disse:

— Por que não disse que matou o allemão
a dentadas? —

E o successo da travessia passou todo para
o marechal. — R.

Guido Spano faz hoje 91 annos

Guido Spano, poeta nacional da Argentina,
succedeo neste alto e nobre posto a Pedro Pa-
lacios, “Almafuerte”, cuja morte occorreu,
não ha um anno ainda. E também o deano
dos poetas da America, pois que Guido Spano
vê passar hoje o seu 91.º anniversario natali-
cio. Eis ali uma vida longa, com a responsa-
bilidade tambem de uma arte que é grande!

A isso O Paiz me dá duas respostas.
A primeira é que os seus telegramas não
têm importancia alguma. É uma revela-
ção que os seus leitores não de achar mu-
ito interessante...

De fato, O Paiz lembra que os cabos
transatlanticos estando em poder dos Alle-
mães, só por eles transita o que a estes agra-
da. E isso é verdade. Mas d'ahi não se de-
prende que os Alleidos falsifiquem o que
diz a imprensa allemã. Preferem natural-
mente que se divulgue o que ella publica de
maneira para o governo do Kaiser, mas não
modificam nem alteram o que encontram.

De mais, si ha na redacção d'O Paiz quem
leia jornais suíços, francezes e ingleses,
encontrará sempre, nos principaes dezes,
rezumos e traduções integrais de artigos al-
lemães.

Ora, correndo aqueles rezumos e aquelas
traduções feitas pela imprensa dos paizes
aliados, verifica-se, tanto nos primeiros co-
mo nas segundas, que ha contra a politica
allemã couzas que não se toleram no Bra-
zil contra a politica brasileira. Os claros
deixados pela Censura no meu artigo de
ante-hontem são uma prova disso.

A segunda resposta d'O Paiz para des-
fazer a minha affirmacão é a que agora foi
revelado sobre o caso Caillaux: em certa
censura, o governo de Berlin proibiu que os
jornais eslojiassem o ex-ministro francez.
Nada, porém, mais justo e natural. Tra-
tava-se de uma questão de politica inter-
nacional. Tratava-se de negociações em
curso entre a Alemanha e uma alta per-
sonalidade franceza. Diante disso, a chancel-
aria de Berlin proibiu que se chamasse a
attenção para aquella personalidade. Foi uma
medida logica e explicable; uma medida
ainda uma vez se repete, de politica inter-
nacional.

Isso não tem semelhança alguma com o
que faz a nossa Censura, cujos atos só po-
derão ser devidamente apreciados, quando
tivermos liberdade para dissimular.

É curioso ler d'O Paiz que eu tenha pu-
blicado tudo quanto quero.

Parece que, ao menos isso, eu sou o mais
completamente para saber. E desde que a
Censura me tem cortado varios artigos inteiros
e mutilado diversos outros, sempre esse
falso e falso não tenho podido dizer
tudo quanto quero.

A resposta d'O Paiz remata com uma afir-
mação a que não é de mais chamar attên-
ção. Diz ella que eu tenho mais de uma
vez “feito apeloções” para demas limitas-
ções, entrando na guerra.

Jámais em azeite o Brasil de ter sido in-
tencões e calculos menos dignos, ao entrar
na guerra. Jámais! Bem ao contrario, isso
me pareceu a coracão natural da nossa
política, de não de aliviar e de diminuir, de
embora muito pequeno, nem por isso per-
der aqueles predilectos.

O que eu acho é que até agora a minha
coiza que fizemos de notavel, depois de
tal declaração, foi uma transacção excelen-
te, o convenio franco-brasileiro. Ora, na
mensagem que o governo mandou ao Con-
gresso, está dito que o convenio é exten-
samente isso. Nesse documento o governo se
orgulha com o successo financeiro da ope-
ração.

Fez-se, além disso, mais alguma coiza
que?

A Censura não me deixaria dissimular o
falso. Não pode, porém, impedir-me de pu-
blicar o que foi publicado em um dos ma-
iores jornais desta cidade:

“O Brasil está também na guerra.
Ainda que, ás vezes, pareça que não, o
fato é que está. A Inglaterra queixa-se
de que tem de fazer novos apelos ás
suas reservas de homens e accrescenta
que espera pela America.”

E o Brasil?
Querer o Brasil ser incluído na
America de que fala Lloyd George, ou
o papel que nos está reservado é o
de espectador que, em match de
boxe, force mais ou menos ostensiv-
mente em favor do seu favorito?”

De que jornal pensam os leitores que
é este?

O Paiz, de 16 de dezembro ultimo.
Assim, o que eu disse sobre a nossa par-
ticipação na guerra concordava, ora com os
excellent artigos sobre esse assunto, pu-
blicados por João do Rio, d'O Paiz, ora
com as proprias affirmações, editoriaes des-
se folheto.

Mas decididamente os redactores d'O Paiz
estão no firme proposito de não o ler.
E pena, porque, ás vezes, aí apparecem
couzas muito interessantes...

Medeiros e Albuquerque

Foi constituído o novo mi- nisterio chileno

SANTIAGO, 19 (A. A.) — Já se achou con-
stituído o novo ministerio, cuja composicão é
a seguinte: Interior, Amunátegui; Relações
Exteriores, Guillermo Freyre; Justiça, Pe-
dro Serda; Fazenda, Manuel Herrera; Guerra,
Luiz Cifuentes, e Industria, Francisco Lande.

Um exito de Joffre

Esta nos nem dos Estados Unidos como
autenticos.

É sabido que as leis americanas punem
a inculca de uma mercaderia falsa como
peneira. Quando uma casa americana ga-
rante que um tecido é de linho, pode-se ter
certeza que é mesmo de linho (salvo si-
for de aludicão).

Assim acontece com as outras mercaderias,
inclusive as historietas.

Mas vamos ao caso.
Entre o meio militar francez que visi-
tou os Estados Unidos foi, como primeiro
de ordem do marechal Joffre, um bello le-
nente, que atrahia mais a attenção das
mulheres americanas do que o vencedor do Marne.

Uma vez, nam chi em sociedade, entra-
ram a conversar sobre episodios de guerra.
As mulheres ouviam com muita attenção.
— Aqui está — disse um dos officiaes
presentes, apontando para o adjunte de
ordem de Joffre — aqui está um lenente
que ha pouco mais de quinze dias matou
um boche.

— Como foi? — perguntou uma bella girl.
— A revolver — disse o official.
— Com que mão? — tornou a moça.
— Com esta.

Elle levantou-se, tomou a mão direita do
lenente e chutou-o de beijos, entre o riso
da assistencia e a invidia dos outros jovens
officiaes.

— Ora! deveras!... lenente... — disse
Joffre, de cenho carregado.

O lenente, enfado com o caso, voltou-se
para o marechal, com o olhar interrogativo,
e disse:

— Por que não disse que matou o allemão
a dentadas? —

E o successo da travessia passou todo para
o marechal. — R.

Policia de barbaros

A nota e a circular do
chefe

Quando o officio do palacio chegou a Poli-
cia Central, dizendo que o Sr. presidente da
Republica mandava fosse aberto inquerito
para apurar o caso do espancamento, a pa-
latoria, denunciado pela A NOITE, gesto esse
que foi noticiado pela “A Noite”, dessa
mesma tarde, o Sr. chefe de policia deu-se
pressa em procurar desfazer a impressão que
necessariamente devia causar no publico essa
intervenção directa do Sr. Venesiano Braz
em assumpto dessa natureza, e então mandou
escrever a nota que dirigiu aos jornaes.

A nota dizia que o chefe de policia havia
respondido ao presidente da Republica já ha-
ver tomado providencias, logo que do caso ti-
vera conhecimento, estando entretanto infor-
mado de que o facto era de todo inexistente.

Não obstante, acrescentava a nota, tinha
mandado abrir inquerito pela 2.ª delegacia au-
xiliar.

Para o chefe de policia o caso era de todo
inexistente, e isso elle não affirmava ao pre-
sidente da Republica.

Nenhuma providencia havia dado até então
o chefe de policia, tanto que é S. Ex. mesmo
que diz, na sua nota: “Não obstante, mandei
abrir inquerito pela 2.ª delegacia auxiliar”.

Essas foram, pois, as primeiras providencias,
alias determinadas pelo presidente da Repu-
blica.

O chefe de policia faltou, pois, á verdade,
primeiro, quando informou ao presidente da
Republica “ser o facto de todo” inexistente,
e segundo, quando disse já haver tomado, por
si proprio, as primeiras providencias.

E é o proprio chefe de policia que, em
circular de hoje, dirigida aos seus delegados, se
encarrega de desmentir a sua informacão ao
presidente da Republica, dizendo nessa cir-
cular que “o facto occorrido no 18.º distric-
to, infelizmente, parece provado”.

Mais depressa se apanha o Sr. Aurelino
Leal que um coxo.

Mas não foi a si proprio que o chefe de
policia deixou ficar mal: foi aos seus amigos
de quem se soccorreu.

Quando, como e por que mentiu o chefe
de policia? Isso foi escrupulosamente publi-
cado ha 24 horas. Pois já está respondido pela
circular de hoje do Dr. Aurelino Leal, isto é,
do chefe de policia.

A circular do chefe de policia, dirigida
hoje aos seus delegados, lembra ter S. Ex.
diligentemente circular, logo ao assumir o cargo,
condemnando as praticas violentas e de tor-
turas. Declara que essas ideias S. Ex. sempre
repudiar nos congressos policiaes e nas pa-
lestras do gabinete.

Acredita, assim, que os factos de selvageria
occorridos no 18.º districto, infelizmente pro-
vados pelo inquerito dirigido pelo Sr. Osorio
de Almeida, 2.º delegado auxiliar, assim como
o encontro do arsenal proprio a taes logia-
res e apprehendidos pelos reporters nos in-
fectos noivos da mansão denominada Sub-
inspecção do Corpo de Seguranca, precisau
de ser tomados em consideração, para a re-
sponsabilidade, pessoalmente, dos chefes de
servicos.

O Dr. Aurelino Leal aponta, pois, os chefes
de servicos a serem responsabilizados pelas
praticas selvagens de suas dependencias. E
essa uma indicacão a ser seguida pelo pre-
sidente da Republica.

Fallecimento em Goyaz

GOYAZ, 17 (A. A.) (Retardado) — Falle-
ceu hontem repentinamente, na povoação de
Ouro Fino, o Sr. Umbelino Xavier Velloso,
antigo funcionario estadual aposentado.

OS INVENTOS DE GUERRA

UM TORPEDO AEREO

Seu inventor, um argentino, offerece-o ao governo bra- sileiro

Está no Rio um engenheiro mecanico ar-
gentino, que vem offerecer ao governo bra-
sileiro um invento de guerra novo. Trata-
se de um torpedo aereo, com a propriedade
de poder explodir por sessões, sendo uma
vez ao tocar com a terra e outra depois

disso, pois a segunda parte do torpedo, des-
taca-se a primeira explosão, se eleva a uma
pouca altura do solo e explodirá de novo,
como um morteiro, espalhando mil e quin-
tentas projectis.

Essas informacões foram prestadas pelo
proprio inventor, Sr. Guido Bianchi, que
commoço palestras hontem sobre tão ter-
vel invento de guerra.

O Sr. Guido Bianchi narra-nos então
como e por que vem aqui offerecer o seu
invento, que reputa importantissimo neste
momento ao governo brasileiro.

De origem italiana, nascido na Argentina,
dedicou-se a mecanica. Com a guerra, aze-
ra, sentiu os arruinhos do seu sangue
patriotico de latino, pensou em ser útil àquel-
le a quem se devia a sua vida.

Apos um trabalho árduo, conseguiu re-
ver o problema que já vinha estudando,
applicando-o ao torpedo aereo. Logo que
deu por concluido o seu trabalho, tratou

de construir, por si mesmo, o seu appare-
lho, o que fez. Escreveu um memorial e
apresentou-o, com o specimen do invento,
ao governo de sua patria. Depois de algum
tempo, foi-lhe dado despacho pela Repu-
blica da Guerra, mandando-o apresentar o
plano do invento. Não quiz elle obedecer
a essa imposição, por julgá-la dispensavel,
ainda mais que tal pratica nunca lhe po-
deria ser asseguradora dos seus direitos.

A vista disso, a repartição da Guerra ar-
chivou os seus papeis.

Deante disso, resolveu offerecer o seu tor-
pedo aereo ao governo brasileiro. Tomou,
porém, as precauções que lhe pareciam de-
vadas, trazendo elle proprio os dois unicos
torpedos por elle mesmo fabricados, a bordo
do paquete “Rio de Janeiro”. Aconteceu,
como se sabe, ser o “Rio de Janeiro”
aballado pelo navio “Campinas”, que qua-
brado pelo navio “Campinas”, que qua-
brado pelo navio “Campinas”, que qua-

brado pelo navio “Campinas”, que qua-
brado pelo navio “Campinas”, que qua-
brado pelo navio “Campinas”, que qua-

brado pelo navio “Campinas”, que qua-
brado pelo navio “Campinas”, que qua-
brado pelo navio “Campinas”, que qua-

brado pelo navio “Campinas”, que qua-
brado pelo navio “Campinas”, que qua-
brado pelo navio “Campinas”, que qua-

brado pelo navio “Campinas”, que qua-
brado pelo navio “Campinas”, que qua-
brado pelo navio “Campinas”, que qua-

brado pelo navio “Campinas”, que qua-
brado pelo navio “Campinas”, que qua-
brado pelo navio “Campinas”, que qua-

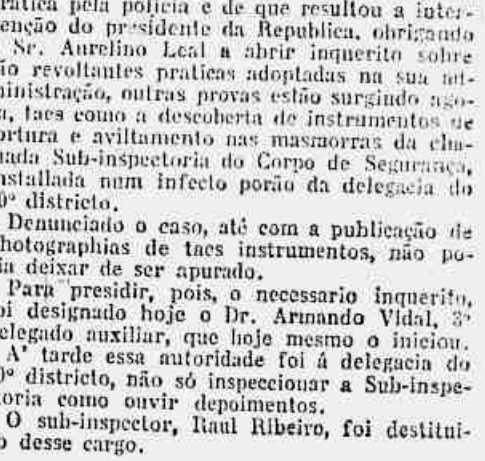
A POLICIA

processos violentos e torturas

Outro inquerito, pela
3ª delegacia auxiliar

3ª delegacia auxiliar

Com a denúncia da A NOITE dos processos barbaros que vinham sendo postos em



agencia do B. B. em Juiz de F6ra

JUIZ DE FORA (Minas), 18 (Serviço especial da A NOITE) — Será instalada depois de amanhã, aqui, a agência do Banco do Brasil. Sua direcção está entregue ao Sr. Alvaro Henrique de Carvalho.

Instructores de linhas de tiro para a 4ª

Afim de serem nomeados instrutores militares, de ordem do Sr. ministro da Guerra foram mandados recolher a 4ª região, em Niterói: sargento ajudante Alberto de Mattos Silva, 2º sargento Leovigildo Alves da Costa e 3º dito José Aristoteles Rodrigues de Araujo dos primeiros dos 58º e 51º batalhões caçadores de artilharia.

inspector, para o mesmo fim, os seguintes in-
fiores: segundos-sargentos João Antonio da
Silva Furlado, Anapio Gomes, Obdego Au-
gusto, do 1º regimento de infantaria; Ed-

queira Santos e Oscar Teixeira, do 2º regimento de infantaria; João de Oliveira, Arrar Torres, do 1º regimento de infantaria;

nao de caçadores; Sebastião Sobreira de
rvalho, do 49º de caçadores; Octaviano
rboza de Castro e Dacio Lisboa da Fontou-
do 55º de caçadores, e mandados recolher

dos-sargentos Frederico Hygino de Oliveira, do 5º regimento de infantaria; João de Pinto, do 1º grupo do 5º districto de infantaria; Manoel Aarão Costas de Lima, do 2º regimento de infantaria; e António de

...do 5º regimento de infantaria, e posto
disposição do mesmo o 3º dito Antonio da
... do 56º de caçadores os seus terna-

ida do 57º de caçadores

UIZ DE FORA (Júlias), 19 (Serviço es-
cial da A NOITE) — Foi adiada a vinda
57º de caçadores, que devia chegar hoje.

COMUNICADOS

GUINDASTE

1.726.

Leiteria Bol

1935 e Rio de Janeiro, PRODUTO
TIMO E ENTREGA PERFEITA.

que nenhuma outra con-
seguiu executar:
Moveis artisticos solidos

e confortáveis.

Leandro Martins & C

OURIVES 39--41--43
OUVIDOR 93--95.

HOTEL TAMARATY

manhã, domingo, das 4 e meia às 9

GRANDE ORCHESTRA
EXCELLENTE "MENO"

A INDEPENDENCIA

para todos os preços
do Theatro n. 1—Telep. 476 Central

Apólices Financeiras

Humberto Arêas Pimentel, comerciante, no brinde o Exmo. Sr. João Horácio Moreira, capitalista. Foi de véras extraordinário o successo obtido pelas Apolices

número de pessoas que correram a in-
ter-se, e comprehende-se o successo, sa-
o-se que as Apolices Financiaes são pa-
a razão de 10 mil réis por semana e
a probabilidade de grande lucro. Na

ces Financeiras, na Financial-Residen-
rua Gonçalves Dias 80.

PLEBIVEL

